



## Honra, o guerreiro sempre ferido Honra, the always wounded warrior Honra, el guerrero siempre herido

Kátia Regina Silva do Nascimento<sup>1</sup>

Recebido em: 31 jul. 2023  
Aceito para publicação em: 26 set. 2023

*O cadáver de todas as coisas está na língua.  
Naquilo que se pronuncia sobra tudo quanto foi,  
e a existência não se livra do acúmulo do que já passou.*  
(Valter Hugo Mãe, 2021, p. 92)

**Resumo:** Este ensaio trata da obra *As doenças do Brasil*, de Valter Hugo Mãe (2021). Nela, Mãe retrata o sofrimento de um curumim, criança indígena, da comunidade abaeté (povo criado pelo autor), fruto da violência sexual de um homem branco a uma mulher indígena, na chegada dos colonizadores ao Brasil. Nasce então Honra, que, pelo modo como nasceu, se acredita como o mal personificado e, segundo ele, o mal deve ser extirpado. Honra torna-se um guerreiro, no entanto um “guerreiro sempre ferido”. Ele encontra-se com outro – Meio da Noite, um menino negro que fugiu da escravidão –, o qual acredita ser seu igual por ter sido também violentado, pois foi escravizado pelo branco colonizador. Cada um com suas peculiaridades, eles se ajudam entre si, numa tentativa de salvar seu povo. Valter Hugo Mãe, numa narrativa sensível, conta uma história que pesa por sobre o Brasil, o seu processo de colonização. O ensaio objetiva discutir, por meio da análise das personagens, as condições de existência do protagonista ficcional Honra, o guerreiro sempre ferido,

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura de Língua Portuguesa na Universidade de Coimbra, mestra em Letras e graduada em Português/Espanhol pela Universidade Católica de Pelotas. Professora na Ser Educacional (Fael).

o qual acredita que na vingança conseguirá encontrar sua identidade e alcançar a plenitude como um *abaeté*, um povo da e para a natureza.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa; Valter Hugo Mãe; *As doenças do Brasil*; identidade; mal.

**Abstract:** This essay deals with *As doenças do Brasil* (2021), by Valter Hugo Mãe. In it, Mãe portrays the suffering of a *curumim*, an indigenous child from the *abaeté* community (people created by the author), as a result of sexual violence by a white man against an indigenous woman, upon the arrival of the colonizers in Brazil. Honra was born from this act, and, because the way he was born, he believes himself as the evil personified and, according to him, evil must be extirpated. Honra becomes a warrior, however, an “always wounded warrior”. He meets another one, Meio da Noite, a black boy who escaped slavery, who he believes to be his equal since he has also suffered violence, as the white colonizer enslaved him. Each one with his own peculiarities, they help each other to save their people. Valter Hugo Mãe, in a sensitive narrative, tells us a story that weighs heavily on Brazil, its colonization process. The essay aimed to discuss the conditions of existence of the fictional character, Honra, the sense of the always wounded warrior, who believes that in revenge he will be able to find his identity and reach plenitude as an *abaeté*, a people from and for nature, through analysis of the characters.

**Keywords:** Portuguese literature; Valter Hugo Mãe; *As doenças do Brasil*; identity; evil.

**Resumen:** Este ensayo aborda la obra de Valter Hugo Mãe *As doenças do Brasil* (2021). En el libro, Mãe retrata el sufrimiento de un *curumim*, un niño indígena de la comunidad *abaeté* (pueblo creado por el autor), como consecuencia de la violencia sexual de un hombre blanco contra una mujer indígena, a la llegada de los colonizadores a Brasil. Nace, entonces, Honra, que por su forma de nacer se cree que es la personificación del mal, y, según él, el mal debe ser erradicado. Honra se convierte en guerrero. Sin embargo, un “guerrero siempre herido”. Él conoce a otro, Meio da Noite, un niño negro que escapó de la esclavitud y que Honra cree que es su igual porque también fue violado, ya que fue esclavizado por el colonizador blanco. Cada uno con sus peculiaridades, los dos se ayudan mutuamente en un intento de salvar a su pueblo. Valter Hugo Mãe, en una narrativa sensible, cuenta una historia que pesa mucho sobre Brasil, su proceso de colonización. El ensayo tuvo como objetivo discutir las condiciones de existencia del personaje ficticio, Honra, el sentido del guerrero siempre herido, que cree que en la venganza podrá encontrar su identidad y alcanzar la plenitud como *abaeté*, un pueblo de y para la naturaleza, por medio del análisis de los personajes.

**Palabras clave:** literatura portuguesa; Valter Hugo Mãe; *As doenças do Brasil*; identidad; mal.

## ‘O CADÁVER DE TODAS AS COISAS ESTÁ NA LÍNGUA’

A narrativa, a despeito de sua aparente simplicidade, é um complexo arranjo de linguagem. Genette (1979, p. 23) conceitua a narrativa “como a sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios, que constituem o objeto desse discurso, e as suas diversas relações de encadeamento, de oposição, de repetição, etc.”. Nosso intuito

é analisar o discurso narrativo que leva ao entendimento sobre o “guerreiro sempre ferido”, Honra, em *As doenças do Brasil*, de Valter Hugo Mãe (2021).

Na obra em questão, Mãe retrata o sofrimento de um curumim, criança indígena da comunidade abaeté (povo criado pelo autor), fruto de violência sexual de um homem branco a uma mulher indígena, no período da chegada dos colonizadores ao Brasil. Nasce então Honra, que, pelo modo como foi concebido, acredita ser o mal e, segundo ele, o mal deve ser extirpado. Honra torna-se um guerreiro, no entanto um “guerreiro sempre ferido”. Ele se encontra com outro – Meio da Noite, um menino negro que fugiu da escravidão –, o qual acredita ser seu igual por também ter sido violentado, pois foi escravizado pelo branco colonizador. Cada um com suas peculiaridades, eles se ajudam entre si, numa tentativa de salvar seu povo. Valter Hugo Mãe, num jogo narrativo sensível, conta uma história que pesa por sobre o Brasil, focando-o como um lugar de não pertencimento.

Quando Mãe (2021, p. 118), em *As doenças do Brasil*, afirma que “o cadáver de todas as coisas está na língua. Naquilo que se pronuncia sobra tudo quanto foi, e a existência não se livra do acúmulo do que já passou”, ele questiona os padrões históricos fixados por meio de uma estrutura linguística e pontuação próprias, gerando até mesmo estranhamento, por exemplo na falta de ponto de interrogação: “O branco perguntou: o que significas com isso.” (Mãe, 2021, p. 118). O autor anuncia ao longo de todo o romance que, embora o tempo tenha passado, ainda sofremos as consequências do que não conseguimos apagar, e as marcas que ficam impressas, também no corpo, são expressas pela linguagem, por meio da língua, manifestação da identidade. E identidade é o que caracteriza a personagem Honra.

O ensaio, focado na análise do discurso narrativo, em que Mãe dá vida ao curumim Honra, visa discutir as condições de existência desse protagonista ficcional, por meio da “lógica íntima da personagem” (Reis, 2019, p. 139), já que está inserida num complexo enredo linguístico, criado pelo autor sobre um povo indígena brasileiro que é invadido pelo branco colonizador. Há, nessa invasão, um estupro à mulher indígena Boa de Espanto, que dá à luz Honra, o qual se cria revoltado por saber-se meio branco, meio indígena, que fala abaeté, mas também português, surtindo um problema de identidade em que acaba se acreditando o mal, como se verifica no fragmento seguinte:

sagrado Pai Todo, sou branco. Sei agora e não sei como não o via mesmo que vendo. Sou branco. E esta cor não é cicatriz, é ferida e não sara. O inimigo parasita em mim para sempre. Sou uma possessão. Um espírito baixado sobre minha dignidade abaeté. Sou um bicho como nenhum outro da mata. Um inimigo menos semelhante. Um excremento do branco no ventre de minha mãe. Sou a morte, sagrado Pai Todo, eu sou a morte. [...] tenho essa cor grotesca do inimigo que vive no exterior de nossa Divindade. Tenho essa prova grotesca de ser metade inimigo e de me ofender a mim mesmo, que sei da pureza de nossa comunidade e sonhei com o esplendor de crescer para essa pureza. [...] este é o paladar da minha palavra. Minha palavra Honra (Mãe, 2021, p. 33).

Pode-se reiterar, utilizando as palavras de Nogueira (2021), em sua recensão sobre o mesmo livro, que o fragmento anterior é

uma evocação das realidades profundas do mal humano que irrompeu na Europa sob a forma de luz pretensamente salvadora e universal a partilhar com outros povos, e se consubstanciou em discriminação e exclusão, em opressão psicológica, física e cultural, em tortura e morte, em extermínio quase total e invisibilização de milhões de seres humanos (Nogueira, 2021, p. 2).

Segundo Herman (*apud* Reis, 2019, p. 134), “as personagens de ficção afirmam-se e desenvolvem-se como entidades com vida de certo modo autossuficiente, justificada pela conformação e pela dinâmica interna de um determinado mundo narrativo”. No universo narrativo de *As doenças do Brasil*, o leitor é induzido à percepção do mal, pois Honra, “o guerreiro sempre ferido”, quer vingar-se do branco que violentou sua mãe. Não basta todo o movimento feito para que o protagonista entenda que vingança não é característica do povo abaeté; ele precisa chegar perto do inimigo, olhar em seus olhos e mostrar que é o fruto da violência e, em sendo esse fruto, é o mal assim como o branco que pratica a maldade.

A complexidade linguística do romance indicia uma (re)construção constante de Honra, mostrando, no “plano da ficcionalidade e da retórica narrativa, a lógica íntima da personagem” (Reis, 2019, p. 140).

## O MAL EM HONRA

A personagem Honra é atormentada por acreditar que é o mal, pois é fruto da violência e não do amor que tanto prega sua comunidade abaeté. Além disso, essa violência é causada pelo inimigo, pelo homem branco que invadiu as terras de seus ancestrais, de sua comunidade indígena, a fim de doutriná-los, escravizá-los e usurpar suas riquezas naturais. Nessa realidade nasce Honra, que desenvolve o ódio, a raiva e o desejo de vingança e se questiona: “O ódio não é abaeté. Talvez eu não seja abaeté” (Mãe, 2021, p. 34).

Honra então condena-se, julga-se e atormenta-se, porém, segundo Bataille (2000, p. 50):

El ser no está abocado al Mal pero, si puede, debe no dejarse encerrar en los límites de la razón. Primero debe aceptar esos límites, tiene que reconocer la necesidad del cálculo del interés; pero debe saber que existe en él una parte irreductible, una parte soberana que escapa a los límites, escapa a esa necesidad que reconoce<sup>2</sup>.

Honra, no entanto, não consegue ser racional no julgamento de si próprio, sente-se o mal personificado. Não se reconhece digno de ser um abaeté por ser filho de um homem branco. Argumenta que não poderá nem mesmo construir família e ter filhos porque carrega o estigma de ser meio branco numa comunidade indígena. Sofre o mal que sente em si mesmo, como na passagem que segue:

Que feminina deitará com este corpo. Que feminina suportará que seu ventre perpetue esta ocupação, esta sujidade de minha cor, a sujidade de meu sangue. E como ocuparia eu, agora consciente, o corpo de um filho quando chegasse a hora de o saber fazer, de o ter de fazer. Como poderia oferecer-lhe a mesma maldade. Que propósito sobra para um guerreiro horrendo como eu. Que propósito se não o de matar até morrer também. Se sou uma ocupação, serei tornado vazio quando me secar a última gota de sangue (Mãe, 2021, p. 34).

<sup>2</sup> “O ser não está condenado ao Mal, mas, se puder, não deve encerrar-se nos limites da razão. Primeiro tem que aceitar esses limites, tem que reconhecer a necessidade de calcular os interesses; mas deve saber que existe nele uma parte irreductível, uma parte soberana que escapa aos limites, escapa à necessidade que reconhece” (tradução minha).

O mal que aqui se quer discutir é “realmente metafísico, no sentido em que assume uma atitude em relação ao ser enquanto tal, e não apenas em relação a alguma das suas partes” (Eagleton, 2022, p. 27). Ou seja, no caso de Honra, ele acredita-se o mal, não porque lhe disseram diretamente, mas pela conclusão que chegou diante de seus irmãos indígenas tão diferentes dele, pela consciência que possui de si em relação ao outro. Porque

a consciência humana não pode esconder-se atrás de si mesma, pois, quando refletimos sobre nós mesmos, ainda somos nós que fazemos a reflexão. A nossa consciência das regiões obscuras de onde vem a consciência é, em si mesma, um ato de consciência e, por isso, já distante desse domínio (Eagleton, 2022, p. 33).

É essa consciência que toma conta de Honra em toda a narrativa: a consciência de que é branco, sua pele é branca, seu cabelo é amarelo. Podemos averiguar isso em:

A escuridão apaziguava sua pele. Para apaziguar sua pele, a mãe lhe tinha feito todos os tratamentos e pedidos. Por um tempo, Honra mesmo se convenceu de sofrer de alguma enfermidade que curaria pela generosidade de alguma erva, como muito haveria de merecer. Tantos banhos e pigmentos, tantos fumos e sucos, tantas patas de aranha, beijos de peixe, raspa de pau, e nada. Sua pele embrancava até embrancar muito demasiado. O seu cabelo também e ainda pior. Havia alguma coisa queimando no cabelo. Um capim seco que virava amarelo na ponta, podre (Mãe, 2021, p. 45).

Ser branco atormenta Honra. Por essa razão, quer vingar-se, no entanto essa coisa “feia”, o ser branco, que ele não suporta, está nele mesmo. Esse mal está nele mesmo pois ele o acredita dessa forma. “O Inferno não é os outros, como Jean-Paul Sartre dizia. É exatamente o contrário. É estar eternamente preso com a companhia mais terrível e mais inqualificavelmente monótona de todas: nós mesmos” (Eagleton, 2022, p. 34).

Honra não consegue se desvencilhar desse inferno, quer esconder sua brancura, quer esconder-se dos outros e de si mesmo. Ele pensa:

Melhor que fosse sempre noite. O curumim pensava assim. Melhor que fosse sempre noite e seu corpo inteiro existisse nessa intensa escuridão onde a pele perdesse o rigor e significado. Se pudesse desejar ser quem não era, Honra desejava ser confundido com tudo quanto era difícil de ver (Mãe, 2021, p. 46).

Na passagem anterior, Mãe, num encadeamento de ideias e estruturas, demonstra como as personagens de ficção “remetem para a posteridade, para a funcionalidade social e para a extensão desse mundo narrativo para além das suas fronteiras” (Reis, 2019, p. 134). No caso de Honra, o questionamento que faz de si mesmo é, também, um questionamento do todo que é diferente dos demais. Depois de tanto sofrimento, porém, Honra assume-se diferente, mas não menos abaeté, ao lembrar-se das palavras ditas pelo amigo Meio da Noite: “a tua diferença é o meu espaço de esperança” (Mãe, 2021, p. 248).

## HONRA E SUA QUESTÃO IDENTITÁRIA

Pode-se afirmar que em *As doenças do Brasil*, de Valter Hugo Mãe, o protagonista tem um problema identitário que o faz sentir-se menosprezado, o mal personificado.

Esse sentimento aumenta diante da manifestação de seus pares indígenas em sua ação abaeté. Honra é um curumim diferente dos outros, que age e sente com distinção. Ele, portanto, não se identifica com aqueles com quem passou a vida a aprender. No caso da personagem,

identidade pode ser um conceito que explique, por exemplo, o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu, de uma realidade individual que a cada um de nós nos torna, diante de outros eus, um sujeito único e que é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade (Brandão, 1986, p. 26).

Honra projeta um sentimento de não pertencimento, ele acredita não se incluir naquele grupo. Duvida de si mesmo como um abaeté, como alguém que faz parte de uma tribo, de um clã. Acredita-se sem as características desse povo – um abaeté tem o papel de sublimar a natureza, e o homem abaeté é parte integrante desta, portanto, deve respeitá-la. Honra quer matar o homem branco por ódio, porém essa não é uma característica abaeté. O povo dessa tribo mata para sublimar o morto, e não por ódio, mas Honra sente ódio. Numa comunidade indígena,

é através do papel atribuído a diferentes categorias de sujeitos, como personagens do clã, ligados por suas posições de família a personagens reais ou míticos (os ancestrais, algum herói lendário, um animal), que são codificadas as relações mais importantes entre os indivíduos uns com os outros, e com os seus grupos sociais significativos (a família, o clã, a tribo) (Mauss, 1974 *apud* Brandão, 1986, p. 8).

Como poderia Honra ter a identidade abaeté se seus sentimentos vão contra tudo que aprendera? Segundo ele, como pode ser um abaeté se é invadido por sentimentos de ódio, de vingança, incomuns em seu povo sensível, de pensamentos e ações nobres? Até mesmo matar é uma ação nobre, é uma oportunidade que o povo abaeté dá ao morto de ascender espiritualmente. Verifica-se isso na passagem seguinte:

A boca do inimigo jamais seria ofendida, toca do espírito à tona do corpo, ao fundo da eternidade. À morte, cortada a cabeça no alegre cântico, a boca aberta haveria de exalar na mudez suas palavras antigas, essa língua suja, e descansar por um instante. Depois, a comunidade abaeté escolheria as pedras mais polidas e, um a um, deixariam no côncavo daquele espanto a promessa de tudo se reimaginar, nascendo de outro jeito, e o inimigo encantaria para a abundância da mata, o órgão vital, e passaria a ser educado na acalmia pela Verdadeiríssima Divindade (Mãe, 2021, p. 25).

Honra, no entanto, não entende dessa forma, não sente o mesmo que seu povo e diz isso veementemente quando Pai Todo lhe pergunta: “Honra, porque não depositaste ainda a pedra, é tua vez de criar irmandade com o inimigo que a morte educa. Educa o morto” (Mãe, 2021, p. 27). Pai Todo insiste:

proclama, abriga teu novo irmão.  
E o pequeno Honra, subindo um pouco em seu orgulho, respondeu:  
não sinto (Mãe, 2021, p. 27).

Honra não sente nem a nobreza de sublimar o morto nem se sente abaeté. Sente-se diferente e isso o maltrata. Julga-se desigual até mesmo no nome, e se enfurece ao questionar o porquê de terem lhe dado o nome de Honra:

descubro minha fúria muito antes do ataque, mãe, descubro a fúria muito antes da defesa, ela é o tempo inteiro. Conte, sagrada mãe. Conte como foi que intuíram meu nome. Pai Todo intuiu que eu sou Honra. Que farei dessa obrigação (Mãe, 2021, p. 28).

**Ser diferente dos membros de sua comunidade tortura-o psicologicamente. Ele não consegue integrar-se por se sentir meio branco. O branco prepondera, em sua concepção. O diferente em sua comunidade abaeté é o branco. O diferente**

é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio... O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza (Brandão, 1986, p. 1).

Honra é esse outro. Para ele o branco atemoriza, pela crueldade, pela invasão ao seu povo, pela violação à sua mãe. Como poderia ele ser um branco, com tudo que seu significado encerra? Seu entendimento de diferença remete-nos a Mauss (1974 *apud* Brandão, 1986, p. 8) em um dos seus princípios básicos ao estudo da origem da ideia de pessoa, que é “como uma categoria de nomeação e diferenciação de outros seres do mundo, a ideia de pessoa não é inata ao espírito humano, ela é uma produção social”.

A personagem não se sente do grupo, da tribo, por não se sentir sequer uma pessoa. Para ser um membro da comunidade indígena, ele deveria sentir-se uma pessoa indígena, o que não acontece. Pergunta, então, à mãe como foi que intuíram seu nome: “A feminina silenciou. Não entendia se seria demasiado cedo para que o filho soubesse. Melhor seria que o Pai Todo bem medisse o tempo e o usasse para as notícias e conhecimentos” (Mãe, 2021, p. 28).

Era preciso, então, que Honra se transformasse em um homem, ganhasse sua “opacidade”. Ele participava de todos os rituais feitos para torná-lo um homem abaeté. Na citação a seguir, identifica-se o momento em que ele passa de curumim, transparente, à opacidade, transformando-se em adulto.

Primeira educação dos abaeté era feita por essa cobra amistosa, o estreito curso de água que seguia pelas duas aldeias, a subida e a litoral. Entre os cinco e os dez tempos das estações mais quentes, antes da opacidade, todos os curumins e todas as curatãs precisavam de ficar ali esperando que a expressão da água descodificasse. Observando, nadando, os corpos de pouca altura demoravam naquele lugar, mantendo-se limpos, em movimento, escutando como no interior mais protegido da ilha corria infinitamente a água que podiam beber e com a qual se glorificavam. Beber era convidar o órgão vital a mexer a toca do espírito e a frescura era uma graça das coisas eternas. Abriam também a boca e uns aos outros se espreitavam (Mãe, 2021, p. 29).

**Até nesse momento, porém, Honra era tido como o diferente pelos que deveriam ser os seus pares:**

Depois, como jogos, banhando às pressas, os pequenos corpos vermelhos eram como guerras do próprio sangue azarando por sobre e ao fundo das águas. E os transparentes inventaram nomes para Honra, que se cansava a protestar. Tristeza Branca, Maior Inimigo, Medo Branco, Fedor, Feio. Alguém chefiava que acalmassem. Aquietavam na generosidade da mata e prestavam atenção (Mãe, 2021, p. 29).

Honra é projetado literariamente como aquele que habitava a zona do não pertencimento, como um ser que não se sente um abaeté, não sabe qual é sua identidade e intui que a vingança será o caminho para, enfim, encontrá-la. Ele consegue, então, sua opacidade; agora é um adulto, um guerreiro, mas é ainda um “guerreiro sempre ferido”. Quando conheceu Meio da Noite – um menino negro que fugiu da escravidão –, a quem passou a chamar de irmão, percebeu, ao ser questionado, que seu problema de identidade era maior do que pensava:

e porque te comove que o grande guerreiro descubra as chefias mais rigorosas quanto tu mesmo resistes a cumprir e odeias tão avesso à natureza abaeté. Tanto que chego a admirar o teu ódio, a bravura que te dá, a fidelidade à vingança do povo (Mãe, 2021, p. 181).

O encontro de Honra com Meio da Noite põe em questão a identidade tão cobiçada pelo protagonista. Meio da Noite o faz indagar seus sentimentos, sua cor, sua necessidade de vingança diante de todos os acontecimentos de sua vida, pois “os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com os outros” (Brandão, 1986, p. 23). De nada adiantava, porém, o discurso de quem quer que fosse, pois o sentimento é intrínseco, e Honra continuava a não saber quem era, a desacreditar de si mesmo. Vivia como um abaeté, mas expressava-se como um branco, já que

o cadáver de todas as coisas está na língua. Naquilo que se pronuncia sobra tudo quanto foi, e a existência não se livra do cúmulo do que já passou. Para que cada palavra seja criadora, é também inevitável que saiba que sepulta dentro de si mesma. Quando entoas, nem que à deriva sem muito domínio ou consciência, o tempo todo e o espaço inteiro podem comparecer e qualquer palavra é infinitamente de maior tamanho do que o teu. Em cada modo de fala há uma identidade (Mãe, 2021, p. 93).

A personagem finalmente encontra sua identidade, em sua cor, mesmo distinta, em sua personalidade caótica, em sua língua misturada, pois “em cada língua um mesmo guerreiro encontra nova identidade” (Mãe, 2021, p. 93). Acha sua identidade ao encarar o inimigo, o branco que violentou sua mãe: “vim para te matar, animal horrendo, mais horrendo que os outros, que feriste minha mãe, e eu sou a ferida sem ter cura. Sinto que estarei sempre à distância de meu próprio nome. Incapaz de lá chegar” (Mãe, 2021, p. 245); no entanto segue sendo o “guerreiro sempre ferido”.

## A PERSONAGEM HONRA NA PÓS-MODERNIDADE

A narrativa pontua que Honra, o “guerreiro sempre ferido”, delineia uma identidade como “condição de existência”. A personagem transforma-se em um ser que se identifica apenas como alguém diferente dos demais, que luta psicologicamente para entender-se no mundo em que vive e naquele do qual se origina.

Segundo Reis (2019, p. 133), “as condições de existência de personagens ficcionais da literatura portuguesa implicam procedimentos de figuração e refiguração da personagem”. Figuração, para Reis,



designa um processo ou um conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais, de natureza e de feição antropomórfica, conduzindo à individualização de personagens em universos que as acolhem e com os quais elas interagem (Reis, 2013).

A personagem Honra ressignifica-se desde o início do romance pelos “dispositivos discursivos” (Reis, 2013), ou seja, o encadeamento feito na retórica discursiva para dar vida à personagem cresce de maneira tal que envolve o leitor até o final da obra. Esse crescente de Honra parece ir além de seu criador e existir por si só. Honra é uma “personagem autossuficiente mesmo sem excluir o caráter heteronômico” (Reis, 2019, p. 134), pois

as personagens de ficção afirmam-se e desenvolvem-se como entidades com vida de certo modo autossuficiente, justificada pela conformação e pela dinâmica interna de um determinado mundo narrativo, mas remetem também para a posteridade, para a funcionalidade social e para a extensão desse mundo narrativo para além das suas “fronteiras” (Reis, 2019, p. 134).

**Podemos verificar que o romance possui aspectos pós-modernistas, tais como define Arnaut:**

a mistura de géneros e a decorrente fluidez genológica, num culto ostensivo e quase sempre subversivo; a insistente e crescente polifonia, em algumas situações a tocar as fronteiras do indecível, da fragmentação e da (aparente) perda de narratividade; os exercícios metaficcionais, já presentes em romances cómicos e satíricos do século XVIII, mas agora renovados em grau e qualidade e alargados da escrita da história à (re)escrita da História (Arnaut, 2016, p. 12).

**O romance é marcado pela polifonia discursiva, em algumas situações a tocar as fronteiras do indecível, da fragmentação e da (aparente) perda de narratividade, pois temos em Honra uma personagem que se perde em várias vozes, em muitas significações, que dão alma à personagem e ao enredo, como no exemplo que segue:**

A noite era inútil, servia o sono, era gentilmente inútil. Assim, frustrado com a severa chefia do mais velho, talvez até ofendido, Honra recuou um passo e entoou: sagrado Pé de Urutago, quero ser teu amigo. Acredito que é tempo de chegar a grande profecia e acredito que isso será porque o branco cerca nossas terras. É tempo da Verdadeiríssima Divindade se pronunciar. Eu sei que ela entoará e sei que minha pele é a última maldade. Estamos no limite de todas as fúrias. A própria mata se adensou. Reparaste em como se fecharam os restos de chão e tudo nasceu. Reparaste em como a mata é mais alta (Mãe, 2021, p. 86).

As indagações perseverantes de Honra, suas dúvidas e certezas diante do abate mais velho, as metáforas com a natureza, o “indecível”, se é branco ou vermelho, enfim, as várias vozes gritando internamente afluem para a condição de existência da personagem e demonstram a força estruturante da polifonia discursiva. Além disso, os “dispositivos retórico-discursivos” (Reis, 2013), o teor de significados a que remete a história do povo abate diante da invasão do branco colonizador, com o desequilíbrio de Honra por se saber filho do branco inimigo, remetem-nos às caracterizações do pós-modernismo, não só pela contemporaneidade, mas pelos aspectos que abrangem toda a obra, em toda a sua essência, com todas as suas nuances. Mãe consegue deslocar a

história para a época do descobrimento do Brasil, mas com personagens sofisticadas que fazem reflexões e indagações sobre sua situação diante da invasão do branco colonizador, por meio de um raciocínio contemporâneo.

O romance *As doenças do Brasil* (Mãe, 2021) gira em torno das reflexões da personagem Honra sobre sua própria identidade. Honra cai no abismo de seu próprio ser e liberta-se ao encarar o inimigo branco, seu pai, e ao perceber que seu sangue corre em suas veias, mas que ele não pertence àquele mundo. Assim, diz ao homem branco: “morrerás tanto que verdadeiramente serás esquecido” (Mãe, 2021, p. 246). As reflexões e o raciocínio diante da crueldade de seu pai levam-no a outro pensamento:

[...] ao invés de investir, furar a pele e a carne do inimigo, Honra notou como era quieto, pasmado diante da sua semelhança. Notou como o animal pareceu até aceitar que morreria e era à espera, as mãos pousadas nas madeiras altas onde as folhas de nenhuma árvore se estendiam. E Honra concebera o que Meia Noite entoara. Que era filho daquele animal (Mãe, 2021, p. 246).

E continua:

[...] és ao tamanho do vazio. A fera torpe e sem acordo. Fede tudo na tua existência. Não és meu pai. És o excremento do qual infelizmente fui pronunciado. Mas levarei de mim esta fúria. Eu levarei de mim a fúria. Um abaeté não odeia senão pela obrigação de defender. Ficarás com teu futuro, essa mentira que propagas, e eu estarei liberto entre meus povos, pronto para te matar no instante em que abeires para atacar (Mãe, 2021, p. 246).

Enfim, Honra está livre. Libertou-se do branco que vive nele. Identifica-se, agora, como um abaeté, pronto para lutar com e para seu povo.

Honra entra em nossas vidas devagar, tocando fundo em nossa alma. Honra é o “guerreiro sempre ferido” que há em cada brasileiro que reflete sobre os acontecimentos, a partir da colonização, e luta até hoje para deixar de sentir-se subjugado. Honra liberta-se, assim como cada brasileiro um dia deverá libertar-se do estigma de ter sido colonizado.

## REFERÊNCIAS

ARNAUT, Ana Paula. A insólita construção da personagem post-modernista. **Revista Abusões**, ano 2, v. 3, n. 3, p. 7-34, 2016.

BATAILLE, Georges. **La literatura y el mal**. Ediciones elaleph.com, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**. Construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

EAGLETON, Terry. **Sobre o mal**. Coimbra: Edições 70, 2022.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

MÃE, Valter Hugo. **As doenças do Brasil**. Porto: Porto Editora, 2021.

NOGUEIRA, Carlos. **Recensão: “Valter Hugo Mãe, *As doenças do Brasil*. Porto, Porto Editora, 2021”**. 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/86086924/Recens%C3%A3o\\_a\\_Valter\\_Hugo\\_M%C3%A3e\\_As\\_Do%C3%A7as\\_do\\_Brasil\\_Porto\\_Porto\\_Editora\\_2021\\_](https://www.academia.edu/86086924/Recens%C3%A3o_a_Valter_Hugo_M%C3%A3e_As_Do%C3%A7as_do_Brasil_Porto_Porto_Editora_2021_). Acesso em: 1.º nov. 2023.

REIS, Carlos. A lógica íntima das personagens: a ideia, a imagem e o nome. **Revista Moara**, n. 52, p. 133-148, jan./jul. 2019.

REIS, Carlos. Figuração. **Blog Figuras de ficção**. Coimbra: 2 ago. 2013. Disponível em: <https://figurasdaficcao.wordpress.com/2013/08/02/figuracao-2/>. Acesso em: out. 2023.